



Seriam necessários muitos pontos para descrever o silêncio de minha alma, pois naquele início da terceira noite no ano, eu me deparava com minhas próprias dores, mas em outro alguém, mirava nos olhos do Sr. Amarildo, mas me via no reflexo, uma mulher com 30 anos de idade, bem-sucedida, solitária e refém de seu próprio medo de assim permanecer para sempre ou de perder as esperanças no meio do caminho e me tornar um Sr. Amarildo, que sem esperanças, entregou-se à própria sorte. Senti pena, minha vontade era abraçá-lo e ouvir suas muitas histórias, mas não pude.

Limitei-me em colocar as mãos sobre seus ombros, acariciar-lhe de modo rápido e dizer-lhe sorrindo: não, eu não vou me esquecer.

Aquele buraco no chinelo do Sr. Amarildo me fez esquecer de todos os meus problemas e enxergar que tenho muito mais do que mereço e muito mais do que preciso, o que muito me incomoda, pois que estou eu fazendo para mudar a realidade dos tantos Amarildos que agora estão à mercê da sorte, da chuva, do vento, do calor extremo, da ausência de artigos básicos, ao relento, sem um teto para cobrir-lhe a cabeça e a face, sem uma cama quente ou apenas um local seguro e tranquilo para repousar?

Deparar-me com minhas próprias dores em outra pessoa doeu-me, sofri por ele e por mim, por nós. Ele com 60 anos e eu com 30, ambos sós, tristes.

Espero conseguir ajudar-lhe, Sr. Amarildo, não com coisas materiais, pois estas só satisfazem as almas vazias e por pouco tempo, mas com meu coração, que agora também é seu, nele você morará a partir de hoje, nele não há chuva tempestuosa ou temperaturas altas, suas relvas são melhores que os colchões mais caros deste mundo e a alimentação é abundante, fique à vontade, esta é sua nova casa.